



## **A Copa do Mundo de 1950 na visão da imprensa brasileira<sup>1</sup>**

Kíria RIBEIRO<sup>2</sup>  
Tácito CHIMATO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, MG

Trabalho com a orientação da professora Milene Migliano desenvolvido para pesquisa da disciplina História da Comunicação com o intuito do desenvolvimento desse artigo.

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar o comportamento da imprensa esportiva sobre o jogo Brasil x Uruguai - também conhecido como *Maracanazo* - na Copa do Mundo de 1950 e as repercussões dessa partida. O texto aponta também alguns reflexos dessa conduta na construção do “trauma” coletivo que foi a perda dessa competição para os brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Copa do Mundo; 1950; imprensa

### **1. INTRODUÇÃO**

O artigo pretende falar sobre o posicionamento da mídia antes e depois da final da Copa do Mundo de 1950. Para isso, foi feito uso de diversas publicações em jornais e livros da época. Há um rico panorama sobre o tema, sobretudo no impacto na sociedade brasileira. Sendo assim, o enfoque do texto será somente na cobertura da época a fim de restringir a temática.

No dia 16 de julho de 1950, às 15h, no Estádio do Maracanã, Brasil e Uruguai se enfrentaram pela última partida da Copa do Mundo. Aproximadamente 200 mil pessoas estavam presentes e, com o empate, o Brasil se consagrava campeão. O primeiro tempo passou sem gols. Logo no começo do segundo, Friaça abre o placar para o Brasil e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo do ICSA - UFOP, email: [kiriaaa@hotmail.com](mailto:kiriaaa@hotmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo do ICSA - UFOP, email: [tacito\\_dutra@hotmail.com](mailto:tacito_dutra@hotmail.com)



torcida vai ao delírio. Minutos depois Schiaffino empata para o Uruguai e a multidão se cala. Pouco depois Ghiggia vira o jogo e a torcida se desespera. Com o apito final, o Uruguai se consagrava campeão do mundo, levando o povo brasileiro às lágrimas. Começa, assim, um dos maiores “traumas” nacionais da história do futebol.

A Copa de 1950 é contada de forma tão traumática que até mesmo quem não a vivenciou sabe que este foi drama desse Mundial que nenhum brasileiro gosta de recordar. Muito desse trauma gerado pelo torneio e, mais precisamente, pelo último jogo, pode ser entendido através da cobertura da imprensa da época, que, assim como toda a população do País, deixou-se contagiar pelo êxtase da possível conquista do primeiro título mundial pelo Brasil.

Mas, em meio da euforia do povo às vésperas da final, não passava pela cabeça de ninguém, tanto de jornalistas quanto do resto da população brasileira, que a equipe empataria com os uruguaios, ainda mais que perderiam o título. Pois o clima de tragédia na vitória do Uruguai não só era explícito no rosto de todos que estiveram no Maracanã naquele 16 de julho de 1950, como também nas páginas dos jornais. Com isso, a derrota da Copa de 1950 entrou para história não apenas como uma partida de futebol, ou mesmo como a perda de uma Copa do Mundo (a derrota na final da Copa de 1998 não chegou nem perto da importância da derrota em 50): é um dos maiores golpes que a auto-estima do brasileiro sofreu no século XX. E essa é uma das motivações para a realização deste trabalho.

## **2. A TRAJETÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA**

“Apenas três pessoas calaram o Maracanã com 200 mil pessoas: Frank Sinatra, o Papa João Paulo II e eu”<sup>4</sup> – Ghiggia, autor do segundo gol do Uruguai na final da copa de 1950

A frase acima deixa explícito o impacto da final da Copa de 1950 sobre o Brasil. Anfitrião e apontado como favorito durante todo o torneio, o país esperava nesse jogo a consagração como potência mundial – um país estruturado a ponto de sediar um

---

<sup>4</sup> PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: L&PM, 1986, p. 141



torneio internacional. Com a derrota na final, o Brasil ficou o que Roberto Da Matta definiu como “a maior tragédia da história contemporânea de nosso país”.<sup>5</sup>

A Copa do Mundo de Futebol de 1950 contou com a participação de 13 seleções: Brasil, Iugoslávia, México, Suíça, Espanha, Inglaterra, Chile, Estados Unidos, Suécia, Itália, Paraguai, Uruguai e Bolívia. A campanha da Seleção Brasileira foi realmente muito boa, com 6 jogos, 4 vitórias, 1 empate e 1 derrota. Contabilizando 22 gols pró e 6 contra.

Do grupo do Brasil faziam parte a Iugoslávia, a Suíça e o México. A seleção brasileira estreou no dia 24 de junho, contra os mexicanos, no Maracanã. O time venceu sem dificuldade por 4 a 0, dois gols de Ademir, um de Jair e o outro de Baltasar. No segundo jogo, disputado no estádio do Pacaembu, em São Paulo, a seleção brasileira ficou no empate de 2 a 2 contra a equipe da Suíça e se classificou para as oitavas-de-final, com uma vitória de 2 a 0 sobre a Iugoslávia no Maracanã, com gols de Ademir e Zizinho.

Na última rodada, o Brasil jogaria contra o Uruguai e a Espanha contra a Suécia tendo vencido as duas partidas anteriores (contra a Suécia por 7 a 1 e contra a Espanha por 6 a 1) e estava com 4 pontos. A confiança era muito grande. Além da vantagem, o Brasil havia goleado seleções que tinham feito jogos equilibrados contra o Uruguai. O país inteiro tinha certeza da vitória.<sup>6</sup>

### **3. A DERROTA**

A torcida por uma equipe nacional durante a realização de uma Copa do Mundo certamente reúne uma gama de pessoas que se sentem representadas por 11 jogadores de futebol em um momento de comunhão coletiva por um mesmo interesse, a vitória da Nação e a realização pessoal através de uma representação da coletividade que é a seleção do país ou o clube de coração.

---

<sup>5</sup> DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982, p. 31

<sup>6</sup> <http://www.jogodobrasil.com.br/copa-do-mundo/copa-1950-maracana-brasil/> Acessado no 8 de maio de 2012 as 10h46



Segundo jornais da época, o jogo foi movimentado. Logo no início da segundo tempo, o Brasil faz um gol através do atacante Friaça e a multidão enlouquecida comemorava o que para muitos seria o início de uma irreversível goleada brasileira. Porém, o time uruguaio continuou marcando forte e saindo nos contra-ataques explorando principalmente a velocidade de Ghiggia. Aos 20 minutos numa rápida jogada de linha de fundo sairia o gol de empate uruguaio. O ponta-direita Ghiggia após receber passe do capitão Obdulio ganhou na corrida de Bigode e cruzou para trás onde o craque Schiaffino estava posicionado para chutar de pé direito no alto do gol. Apesar de o empate ser suficiente para que o Brasil fosse campeão o estádio ficou mudo. O silêncio espalhou-se pelo Maracanã e os próprios jogadores sentiram que a derrota também poderia acontecer.

Aos 33 minutos aconteceria o “gol eterno”: Ghiggia tabela com o meia Julio Perez, recebe na frente, ganha na corrida de Bigode, avança e chuta entre a trave esquerda e o goleiro brasileiro. A seleção não conseguiu reagir e a partida terminou 2x1 para os uruguaios. As explicações para a derrota são discutidas até hoje e é claro que muitos já foram eleitos culpados: dentre eles, o goleiro Barbosa e os defensores Bigode e Juvenal. A derrota deixou perplexas diversas pessoas que compareceram nesta partida histórica.

Apesar dos esforços da imprensa em diminuir o impacto, tentando construir uma imagem idealizada de tudo que teríamos conquistado com a realização da Copa do Mundo, a realidade é que para a maior parte dos brasileiros, o Brasil tinha sido humilhado e a derrota é que acabaria estigmatizando os jogadores daquela brilhante seleção. Mesmo o futebol brasileiro até 1958 estaria maculado pelo “complexo de vira-latas”, termo cunhado pelo dramaturgo Nelson Rodrigues para se referir ao fatídico revés na final.

Mas, apesar do incontestável revés que impediu os brasileiros de sagrarem-se campeões mundiais, acabando com a festa do povo e instaurando uma intensa comoção nacional, é impressionante como podemos verificar nos discursos de muitos cronistas da



época, como Mário Filho e Nelson Rodrigues. Assim ambos retrataram o quadro que se instalou antes do jogo. E que, como veremos, a imprensa ajudou a pintar.

#### **4. A POSIÇÃO DA IMPRENSA**

Quando uma partida de futebol é disputada entre duas seleções nacionais, a representação do confronto pode tornar-se muito forte, pois os times estão incorporando a identidade nacional dos seus países e em seus uniformes resplandecem a cores da sua bandeira. No dia 16 de julho de 1950, data da final da Copa, a expectativa da vitória era enorme. Milhares de pessoas espremiavam-se no maior estádio do mundo para testemunharem o que deveria ser a grande vitória de uma nação e grande parte dos brasileiros acompanhavam atentamente cada lance pelo rádio, até então o único meio de comunicação possível para tal.

Os meios de comunicação tiveram um papel fundamental na configuração simbólica da partida. Não era apenas uma partida de futebol que decidiria um torneio mundial de seleções. A honra, o sucesso e a capacidade brasileira também estavam em jogo, e o discurso dos jornais apontava a superioridade da seleção brasileira e um clima de euforia patriótica. É incrível como uma “simples” partida de futebol pode representar a coletividade de um povo.

No dia 15 de julho, o *Jornal dos Sports* trazia a manchete: “Tudo preparado para a vitória”<sup>7</sup>. Essa manchete abre uma matéria que fala sobre os preparativos para as comemorações. Na edição do dia 16, data da final, a manchete do *Jornal dos Sports* é: “À Vitória, Brasil”<sup>8</sup>.

Mas o mais impressionante não era somente a campanha em apoio ao Brasil: A mídia também atentava a impressão que o país deixaria para os estrangeiros. No artigo “Copa do Mundo de 1950: a imprensa e os jogos realizados em Curitiba” há um trecho

---

<sup>7</sup> *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1950, p. 12 IN <http://www.jogodobrasil.com.br/copa-do-mundo/copa-1950-maracana-brasil/> Acessado em 8 de maio de 2012 as 10h46

<sup>8</sup> *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 5. IN <http://www.jogodobrasil.com.br/copa-do-mundo/copa-1950-maracana-brasil/> Acessado em 8 de maio de 2012 as 10h46



em como o jornal local *Gazeta do Povo* trazia instruções para o comportamento dos paranaenses:

“(...) Vamos portanto, aplaudir com entusiasmo e calor os dois valores adversários: espanhóis e norte-americanos, representantes de duas nações amigas, que devem levar para sua terra distante, no regresso a melhor das impressões de nossa terra e de nossa gente. E vamos evitar demonstrações pouco recomendáveis, como por exemplo, os célebres “bombardeios”. Será uma maneira de dar demonstração do elevado nível de civilização (...), ensejo em que muitos acidentes de graves conseqüências poderão ser evitados, uma vez que grande será a multidão presente ao estádio. Vamos portanto colaborar; nada de vaias e nada de bombas. Vamos aplaudir e incentivar [...]”<sup>9</sup> (LISE, MOSKO, SANTOS, CAPRARO; 2010; p.04)

Ainda há mais material sobre essa campanha Brasil afora. O comportamento dos mineiros, desde as risadas da torcida ao estranharem a vestimenta da delegação suíça no campo até o cortejo de moças belorizontinas para a seleção uruguaia foram alvos de duras críticas, como pode ser visto no *Diário da Tarde*:

“Foi muito reparado aquele derriço de vocês pelos jogadores uruguaiois, minhas azougadas patrícias. Explica-se cordialidade. É até bonita. Faz parte da política de boa vizinhança. Cordialidade e amabilidade são uma coisa, assanhamento é outra muito diferente. [...] É claro que eles [uruguaiois] não haviam de repudiá-las. Estava 'de colher', pois vocês iam procurá-los, rir para eles, requestando-os.[...] Mas a verdade é que vocês são uma pequena, insignificante parcela de nossa sociedade. Entretanto, eles, visitantes e estrangeiros, não sabem disso e podem pensar que todas as outras são iguais. Algum poderá ter escrito no seu caderno de apontamentos de viagem esta impressão: 'Son tan caliente las muchachas de Belo Horizonte, que iban a conquistarnos - mire usted! - a la puerta del hotel'.”<sup>10</sup>. ( SANTOS, 2005, p. 01).

---

<sup>9</sup> *Gazeta do Povo*, 22 de junho de 1950, 12 In. LISE, Riqueldi Straub; MOSKO, Jackson Fernando; SANTOS, Natasha; CAPRARO, André Mendes “Copa do Mundo de 1950: a imprensa e os jogos realizados em Curitiba”

<sup>10</sup> *Bar do Ponto*, de Gato Felix. *Diário da Tarde*, 08/07/1950 In. SANTOS, André Carazza dos “A Copa do Mundo no Brasil (1950): Belo Horizonte e o ideal de cidade almejado para encantar os estrangeiros”



## 5. A VITÓRIA NÃO VEIO

Existe uma lenda que diz que muitos jornais não circularam no dia 17 de julho porque já estariam prontos para serem rodados com todas as matérias sobre a vitória brasileira e, com a vitória celeste, não teriam tido tempo para reeditá-los. No dia 18 de julho, ao contrário do dia da final, o Jornal dos Sports dedica um espaço significativo ao Uruguai: páginas três, quatro e cinco completas. A manchete, no entanto, ainda refletia uma não aceitação da derrota, tentando encontrar pontos positivos: “Uruguai, campeão mundial, de fato; mas o Brasil, melhor *team* do mundo”.<sup>11</sup>

Profeticamente, em 20 de julho de 1950, quatro dias após o jogo, o jornal Esporte Ilustrado previa:

“Bater o recorde mundial de construção do maior estádio, bater várias vezes os recordes mundiais de bilheteria e assistência, e não conseguir no último instante o recorde mundial de futebol é a grande mágoa que o jogador número 12 do Brasil – o torcedor – guardará para sempre. Daqui a muitos anos, os que dormiram nas filas, os que lutaram para ingressar no estádio, contarão para os seus filhos e netos que nasceram após 16 de julho de 1950 a história de uma Copa do Mundo que poderia ter sido do Brasil, mas que foi para o Uruguai”<sup>12</sup>. (<http://www.jogodobrasil.com.br/copa-do-mundo/copa-1950-maracana-brasil/> Acessado em 8 de maio de 2012 as 10h46 11 de maio de 2012 as 11h53)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Copa de 50 transformou-se num divisor de águas no futebol brasileiro. Além de, por superstição, a seleção brasileira nunca mais ter usado o uniforme branco, muitos acreditam que foi no momento da derrota para o Uruguai que o Brasil começou a ganhar os campeonatos mundiais de 58, 62 e 70.

Mas o olhar do futebol não é o foco deste artigo. A análise, aqui, do comportamento da imprensa esportiva no episódio, buscou recuperar o clima criado em

---

<sup>11</sup> Jornal dos Sports, 18 de julho de 1950. IN <http://www.jogodobrasil.com.br/copa-do-mundo/copa-1950-maracana-brasil/> Acessado em 8 de maio de 2012 as 10h46

<sup>12</sup> Esporte Ilustrado, 20 de julho de 1950. IN: <http://www.jogodobrasil.com.br/copa-do-mundo/copa-1950-maracana-brasil/> Acessado em 8 de maio de 2012 as 10h46 11 de maio de 2012 as 11h53.



torno daquele jogo e do seu resultado, que acabou se transformando em grande “trauma” nacional e representando um choque na auto-estima do brasileiro que só foi amenizado – mas nunca superado – com o título da Copa de 58.

Esse comportamento da imprensa pode ter contagiado e fomentado o exagerado otimismo antes do jogo final. Mas não podemos reduzir todas as conseqüências a razões financeiras da imprensa. Até porque repórteres, editores, chefes e donos de jornais também estavam envolvidos emocionalmente com o jogo e, como a grande maioria, devia acreditar piamente na vitória brasileira.

Mais do que tentar explicar por que o Brasil perdeu aquele jogo, enxergamos a necessidade de buscar explicações para a dimensão que aquele resultado tomou. O peso da derrota foi maior que todas as conquistas obtidas com a realização do torneio. Nos esportes modernos, assim como nas sociedades industriais capitalistas o que realmente importa é o êxito, a vitória. O Maracanã, grande palco que havia sido construído justamente para engrandecer a vitória de um povo, assistiria mudo a maior decepção esportiva brasileira, a tristeza de milhares de pessoas e a representação coletiva da dor.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABO, Alvaro Vicente. “*Copa do Mundo de 1950: Brasil X Uruguai – uma análise comparada do discurso da imprensa*”. In MELO, Victor Andrade (org). *Historia Comparada do Esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2004, 2ª ed.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: L&PM, 1986.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. Organização Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Consulta em acervos on-line:

ENTREVISTA A JORGE BERRAZA. Youtube: julho de 1999. Disponível em <[http://www.conmebol.com/articulos\\_ver.jsp?id=7460&slangab=S](http://www.conmebol.com/articulos_ver.jsp?id=7460&slangab=S)> Acesso em: 7 de maio. 2012. “Es increíble, cada vez que llega esta fecha, nos hacen notas desde todo el mundo. Impacta más en el exterior que en el Uruguay. Aquello fue un buen triunfo, sin dudas, pero nada más, después se inventaron muchas historias. Es que los diarios tienen que llenar paginas”.

ZIZINHO DOCUMENTO PARA A HISTÓRIA. Youtube: junho de 2009. Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=qrRQbTtgEeA>>. Acessado em 7 de maio de 2012.